

**COLÓQUIO INTERNACIONAL
SOBRE ECOLINGUISTO E LÍNGUAS MINORITÁRIAS**

**CUNCEILHO ANTERNACIONAL
SUBRE ECOLHENGUISTO I LHÉNGUAS
MINORITAIRAS**

15 A 19 DE JUNHO DE 2016

CENTRO DE LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS DA UNIVERSIDADE
DE AVEIRO / MIRANDA DO DOURO



Livro de resumos

Livro de resumos

Colóquio Internacional sobre Ecolinguismo e Línguas Minoritárias

Departamento de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro
Miranda do Douro

15 a 19 de junho de 2016



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

.....
Página do evento
<http://cllc.web.ua.pt/vl/pt-pt/node/12>

Contacto
dlc-variacaolinguistica@ua.pt

Índice

Apresentação	4
Comissão Organizadora	5
Comissão Científica	6
Programa	7
Resumos /Aveiro.....	12
Resumos /Miranda do Douro.....	31
Apoios	35

Apresentação

Nos dias 15 e 16 de junho terá lugar, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, o Colóquio Internacional sobre Ecolinguismo e Línguas Minoritárias. Uma homenagem a Amadeu Ferreira. O objetivo desta iniciativa é reunir estudiosos, investigadores e docentes que se ocupem da análise e divulgação da diversidade linguística.

E-mail de contacto: dlc-variacaolinguistica@ua.pt

A seguir aos trabalhos em Aveiro, daremos continuidade ao colóquio em Miranda do Douro, nos dias 17 a 19 de junho, em articulação com a Câmara Municipal de Miranda do Douro. Os trabalhos prosseguirão aí com as II Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas: Uma Homenagem a Amadeu Ferreira. Com o intuito de homenagear Amadeu Ferreira, escritor e ilustre defensor do património cultural mirandês, pretende-se, com esta iniciativa, divulgar, estudar, analisar e valorizar a sua obra e, em simultâneo, a língua, literatura e cultura mirandesas.

E-mail de contacto: geral@cm-mdouro.pt

LINHAS TEMÁTICAS:

Diversidade linguística

Relação entre as línguas

As línguas e o seu contexto

O ensino e divulgação da diversidade linguística

Línguas ameaçadas e minoritárias

Língua, literatura e cultura

Diversidade linguística e desenvolvimento sustentável

Ecolinguismo

Língua e sociedade

Língua e tradução

Ecocrítica

Língua, literatura e cultura mirandesas

Comissão Organizadora

Alberto Gómez Bautista (CLLC, Universidade de Aveiro)

Alfredo Cameirão (Câmara Municipal de Miranda do Douro)

Artur Nunes (Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro)

Carlos Ferreira (Presidente da Associação da Língua e Cultura Mirandesa)

Lurdes de Castro Moutinho (CLLC, Universidade de Aveiro)

Mário Correia (Câmara Municipal de Miranda do Douro)

Rosa Lúcia Coimbra (CLLC, Universidade de Aveiro)

Comissão Científica

Alberto Gómez Bautista (CLLC, Universidade de Aveiro)

Andrés José Pociña (Universidade de Extremadura, Espanha)

João Manuel Torrão (CLLC, Universidade de Aveiro)

Lurdes de Castro Moutinho (CLLC, Universidade de Aveiro)

Maria Teresa Cortez (CLLC, Universidade de Aveiro)

Maria Teresa Roberto (CLLC, Universidade de Aveiro)

María Victoria Navas Sánchez-Élez (Universidad Complutense de Madrid)

Perpétua Gonçalves (FLCS, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo)

Rosa Lúcia Coimbra (CLLC, Universidade de Aveiro)

Tabita Fernandes da Silva (Universidade Federal do Pará)

Programa

UNIVERSIDADE DE AVEIRO – Departamento de Línguas e Culturas

15 DE JUNHO – QUARTA-FEIRA – Sala 2.1.13

- 09h30 – 10h00 Receção dos participantes e entrega de material
10h30 – 11h00 Sessão de Abertura
11h00 – 12h00 Conferência de abertura – Maria Teresa Roberto (CLLC, Universidade de Aveiro): *A natureza adjuvante ou oponente das línguas francas na sustentabilidade das línguas minoritárias*

Intervalo para almoço

- 14h30 – 15h30 Conferência – Alfredo Cameirão (Câmara Municipal de Miranda do Douro): *Fazer L nono anho an Mirandés. L porcesso de reconhecimento, balidaçon i certeficaçon de cumpeténcias an Lhéngua Mirandesa. L causo de San Pedro de la Silba*
- 15h30 – 16h30 Comunicações orais
- Helena Rebelo (CLLC, Universidade de Aveiro/ Universidade da Madeira): *Do Mirandês ao Madeirense: A Génese das Escritas Fonéticas*
- Cláudia Martins (ESE, Instituto Politécnico de Bragança) e Sérgio Ferreira (Instituto de Sociologia, FLUP): *Capital tradutológico e a defesa da língua mirandesa*
- 16h30 – 16h45 Intervalo para café e apresentação comentada, por Alcides Meirinhos, de uma mostra de fotografias de sua autoria patente na sala 2.1.11
- 16h45 – 17h30 Apresentação e lançamento do livro de poesia *Bózios, Retombos i Siléncios - Gritos, Ecos e Silêncios*, da escritora Adelaide Monteiro, por Alcides Meirinhos (Associação de la Lhengua i Cultura Mirandesa, ALCM)

16 DE JUNHO – QUINTA-FEIRA – Sala 2.1.13

- 10h00 – 11h00 Conferência – Alcides Meirinhos (Associação de la Lhengua i Cultura Mirandesa, ALCM): “*Los caminos medievales na Tierra de Miranda*”
- 11h00 – 11h30 Intervalo
- 11h30 – 12h30 Comunicações orais
- Luís Fernando Pinto Salema (CLLC, Universidade de Aveiro): *Polimorfismo, desterritorialização e contacto entre línguas: o judeu-espanhol no espaço ecolinguístico da península balcânica*
- Maria Helena Ançã (Universidade de Aveiro): *Alguns cabo-*

verdianos em Portugal: relações entre as Línguas Cabo-verdiana e Portuguesa

Intervalo para almoço

- 14h30 – 16h00 Comunicações orais
- Alberto Gómez Bautista (Fundação Calouste Gulbenkian / CLLC, Universidade de Aveiro): *Línguas e variedades fronteiriças de Portugal*
- Francelino Wilson (Universidade do Porto/ Universidade Pedagógica) e Vasco Magona (FLCS, Universidade Eduardo Mondlane): *Uma análise autosegmental de /s/ em raízes verbais do Ciyawo contemporâneo*
- Xosé-Henrique Costas González (Universidade de Vigo, Galiza): *A protección do aranés: un exemplo para as minorías lingüísticas ibéricas*
- 16h00 – 16h15 Intervalo
- 16h15 – 17h00 Conferência de encerramento – José Pedro Ferreira (CELGA-ILTEC da Universidade de Coimbra) – *Processos de codificação e normalização linguística em línguas recentemente escritas: o caso do mirandês*
- 17h00 – 17h15 Encerramento dos trabalhos em Aveiro

MIRANDA DO DOURO

17 DE JUNHO – SEXTA-FEIRA

- 21h00 Inauguração do Mercado Astur-Mirandês
Largo D. João III
Animação de Pauliteiros/Los Yerbatos (Bimenes)
- 21h30 Sessão solene de abertura das Jornadas
Casa da la Lhéngua
- Intervenção de Artur Nunes (Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro)
- Intervenção da Associação de la Lhengua i Cultura Mirandesa ALCM):
A conexão com as Astúrias como tema central das II Jornadas.

18 DE JUNHO – SÁBADO

- 10h00 Inauguração do Monumento de Bimenes
- Intervenção de Artur Nunes (Presidente da Câmara Municipal de

Miranda do Douro)

- Intervenção de Aitor García Corte (Alcaide de Bimenes)

- 11h00 Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa “Amadeu Ferreira”
- 11h00-11h30 Exibição de vídeo com locução de Pablo A. Quiroga Prendes (Escuela de Cinematografía y Artes Visuales, Universidad de León), com: Ana Maria Cano González (Universidade de Oviedo/Presidente da Academia de la Llingua Asturiana : *L'órix de la llingua. Los primeros testos*; Xosé Lluís García Arias (Universidade de Oviedo/Academia de la Llingua Asturiana): *L'asturianu na domina medieval.*; Xosé Ramón Iglesias Cuevas (Instituto de Enseñanza Secundaria): *La lliteratura moderna n'asturianu.*; Marta Mori d'Arriba (Filoloxia Hispánica/Instituto de Enseñanza Secundaria/ Academiade la Llingua Asturiana/Escritora: *La importancia simbólica de Xovellanos y les primeres antoloxies.*; Xosé Antón González Riaño (Universidade de Oviedo/Academia de la Llingua): *Larecuperación llinguística del asturianu dempués de la dictadura (Conceyu Bable yALLA). La vindicación de la oficialidá.*; Artur Nunes (Presidente da Câmara de Miranda do Douro): *Les posibilidaes de futuru, colaboración entre Asturies y Miranda.*
- Painel 1 – Moderador: Carlos Ferreira (Presidente da Associação de la Lhngua i Cultura Mirandesa)
- 11h30/12h00 - Xosé Lluís García Arias (Universidade de Oviedo/Academia de la Llingua Asturiana): *Falemos del Dominiu Llingüísticu Ástur*
- 12h00/12h30 - Alberto Álvarez Peña (Escritor, etnógrafo, desenhador e ilustrador de obras asturiano): *Mitoloxia Asturiana*
- 12h30 Apresentação da Revista “Studos de Lhngua i Cultura”
- 13h00 Almoço
- 14h30 Jornadas de Língua e Cultura “Amadeu Ferreira”
- Painel 2 – Moderador: Alfredo Cameirão (Câmara Municipal de Miranda do Douro)
- 14h30/15h00 - Alberto Gómez Bautista & Lurdes de Castro Moutinho (CLLC, Universidade de Aveiro): *A fronteiraluso-espanhola do ponto de vista lingüístico: Trás-os-Montes.*
- 15h00/15h30 - José Pedro Ferreira (CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra): *Tecnologies de la lhenguaige pa l mirandés.*
- 15h30 Intervalo
- 6h00 Jornadas de Língua e Cultura “Amadeu Ferreira”
- Painel 3 – Moderador: Mário Correia
- 16h00/16h30 - Carlos Suari (Especialista em desporto e professor na Escuelactiva): *Xuegu y Deporteradiciones populares.*
- 16h30/17h00 -Pedro Pangua (Músico folk e folclorista): *L'oficiu de gaiteru n'Asturies.*
- 18h00 Convívio Intercultural no Mercado Astur-Mirandês
Largo D. João III/Casa de la Lhéngua
- 20h00 Jantar

21h30 Noite Cultural Astur-Mirandesa
Auditório Municipal
Atuação de Pauliteiros e Los Yerbatos
24h00 Encerramento do Mercado Astur-Mirandês

19 DE JUNHO – DOMINGO

10h00 Abertura do mercado Astur-Mirandês
Animação com Los Yerbatos
Animação com gaiteiros e pauliteiros mirandeses

11h00 Encontro com Escritores Asturianos
Casa de la Lhéngua
Animador da tertúlia: Alfredo Cameirão (Câmara de Miranda do Douro)
- Marta Morí: Poesia
- Xuan Bello: Narrativa
- Pablo Rodriguez Medina: Teatro
- Antón García: Ensaio

13h00 Almoço de despedida

Resumos
Colóquio em Aveiro

Maria Teresa Roberto

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

A natureza adjuvante ou oponente das línguas francas na sustentabilidade das línguas minoritárias.

Palavras-chave: língua franca, ecolinguismo, sustentabilidade linguística, domínio linguístico, diversidade, plurilinguismo.

O pluralismo linguístico e cultural é muito mais do que a mera coexistência de várias línguas num dado local. Na visão Ecolinguística, as línguas lutam por território comunicativo, vivificando-se com o seu próprio uso e consequente desenvolvimento já que a ausência de movimento e crescimento é indicativo de estase, de morte. Sendo o território das línguas sempre o mesmo e o ambiente social e cultural que comporta o seu substrato de produção limitado, se algumas destas línguas se agigantam, será natural que interfiram com o desenvolvimento das mais débeis e ponham em perigo a sua sustentabilidade. Segundo Haugen (1972) e Garner (2004), as comunidades são o substrato das línguas mas, em muitos casos, o conceito de comunidade linguística não é consentâneo com delimitações territoriais ou mesmo culturais. É essencial que haja livre circulação de valores transculturais e que a negociação de identidades e a transposição ou invenção de significados não sejam limitadas por fronteiras, por vicissitudes linguísticas ou políticas ou, mesmo, por circunstanciais socioeconómicas.

As línguas francas são elementos-chave da dinâmica linguística, já que servem propósitos comunicacionais não circunscritos a um dado território geográfico ou cultural, no entanto, existe uma ambivalência no seu estatuto face às línguas com que coexistem. Por vezes, estas contribuem para a sua sobrevivência e expansão, já que resolvem necessidades comunicacionais quotidianas, permitindo que as comunidades consigam controlar melhor a sua existência. As línguas francas têm um papel crucial na empregabilidade, na mobilidade internacional, no acesso à informação e, em alguns casos, como língua de ligação politicamente descomprometida. Todavia, em outros casos, a língua franca, qual planta invasiva que esgota o substrato o húmus comum, debilita a língua minoritária e compromete o seu futuro. As circunstâncias de coabitação e as interdependências existentes concorrem para estabelecer estas diferenças, já que os problemas das línguas minoritárias não se prendem apenas com o simples contacto, mas com a forma e intensidade do contacto estabelecido com a língua franca.

Esta comunicação delimita e descreve o conceito de língua franca, partindo de Crystal (2003), Graddol (2006), Frath (2007), e Phillipson e Skutnabb-Kangas (2015) e procura explorar o seu funcionamento em contextos plurilingues, ao analisar casos pontuais do funcionamento de duas línguas francas: a língua portuguesa e a língua inglesa. Compara situações diversas de coabitação de estas línguas com línguas minoritárias, questionando as (inter) dependências existentes e o papel adjuvante ou oponente que cada língua franca pode ter, nestes contextos, face ao habitat gerado nas respetivas comunidades por vetores de sustentabilidade e crescimento, tais como: políticas linguísticas, socio-economia linguística, difusão cultural e afetiva das línguas, entre outros.

Com base numa visão descritivo-analítica e pegando nos exemplos estudados, procurar-se-á apurar as circunstâncias culturais, sociais, económicas, políticas e outras que levam ao entendimento da participação da língua franca como adjuvante ou oponente numa dada comunidade.

Alfredo Cameirão

(Câmara Municipal de Miranda do Douro)

Fazer L nono anho an Mirandés. L porcesso de reconhecimiento, balidaçon i certeficaçon de cumpetências an Lhéngua Mirandesa. L caso de San Pedro de la Silba

Palabras chabe: Lhéngua mirandesa, nuobas ouportunidades, reconhecimiento de competências, formaçon d’adultos, lhéguas minoritairas, qualificaçon.

L Sistema Nacional de Reconhecimiento, Balidaçon i Certeficaçon de Cumpetências – drento de l porgrama de las Nuobas Ouportunidades - sirbe para melhorar ls nibles de certeficaçon scolar de las personas cun más de 18 anhos i que nun téngan l nible básico ou secundairo de scolaridade, nua bison d’aprendizaige durante la vida. La certeficaçon cun este sistema permite balorizar las personas ne ls campos personales, sociales i porfissionais, para alhá de tamien dar para apuis cuntinar ls studos ou la formaçon.

L die 9 de Júnio de 2009, ne l Centro de Nuobas Ouportunidades de l Campus Académico de l Anstituto Piaget de Macedo de Cabaleiros, dous mirandeses – Albertina de São Pedro i Luís Silva – acabórun l sou Porcesso de Reconhecimiento, Balidaçon i Certeficaçon de Cumpetências (abarcado pul porjeto de las Nuobas Ouportunidades), apersentando i çfendendo junto de l Juri de Certeficaçon de Cumpetências l sou Portefólio Reflexibo d’Aprendizaiges q’habien zambolvido tenendo solo la lhéngua mirandesa como lhéngua de trabalho. Por bias disso, fúrun-le dados certeficados d’equibaléncia al ansino básico (nono anho), aqueles que fúrun ls purmeiros certeficados de l Menistério de l’Eiducaçon Pertués dados como resultado de trabalho sclusibo cula lhéngua mirandesa. Diez anhos apuis de l gobierno pertués haber reconhecido l mirandés como lhéngua de Pertual (Lei 7/99 de 29 de Janeiro), l mesmo governo, puls sous Menistérios de l’Eiducaçon i de l Trabalho i Solidariadade (ls respunsables pulas Nuobas Ouportunidades), entregaba dous diplomas que reconhécen que l mirandés tamien sirbe como lhéngua de trabalho de formaçon/scuola/académico. Un caso singular tamien na stória de la formaçon d’adultos.

Habendo sido ls respunsables por dous campos de formaçon de ls dous adultos: Lhenguage i Quemunicaçon i Cadadanie i Ampregabilidade (dambas a dues an lhéngua mirandesa, para alhá d’ajudar cula lhéngua ne ls outros campos de formaçon), cuntamos como se passou todo l porcesso, zde quando apareciu l’eideia – ne l grupo de l CNO (Centro de Nuobas Ouportunidades) de l Anstituto Piaget de San Pedro de la Silba, an 2008, ls pedidos i las splicações q’houbu que fazer junto de l’ANQ (Agência Nacional para la

Qualificaçon) para q'aceitássen la lhéngua mirandesa como lhéngua de trabalho de ls adultos a certeficar i las deficuldades i talabancos que todos tubímos q'arrepassar até l Juri de Certeficaçon q'ancerrou l porcesso. Amostramos tamien cachos de ls portefolios finais de ls dous adultos, ls que mos parece que más bien amóstran como se passou todo l porcesso, que, an nuossa oupenion, ye un marco amportante na stória centenaira de la lhéngua de la Tierra de Miranda.

Helena Rebelo

(CLLC, Universidade de Aveiro/ Universidade da Madeira)

Do Mirandês ao Madeirense A Génese das Escritas Fonéticas

Palavras-chave: Mirandês, variedade madeirense, comparação, oralidade e escrita, escrita fonética.

Uma língua é bifacial, porque comporta uma vertente oral que pode ganhar uma dimensão escrita. Mesmo se não a adquire, esta face tem uma existência potencial que pode surgir em qualquer altura evolutiva da componente oral. Se nunca se tornar visível, assim que as populações a deixarem de falar, desaparece sem deixar rasto. Por exemplo, não aconteceu ao Latim porque, enquanto língua morta, se reencontra vivificada nos textos escritos que, de algum modo, a imortalizam. Esta bifacialidade dinâmica das línguas é idêntica nas variedades linguísticas. A Língua Portuguesa completou, em 2014, 800 anos de história, contabilizados a partir do Testamento de D. Afonso II, datado de 1214. Todavia, antes de ter este cariz escrito, sobejamente manifestado na Poesia Trovadoresca, com uma raiz Galaico-Portuguesa, era falada pela população, que não usava a Língua Latina e não sabia escrever. Quem dominava esta arte de gravar a fala fazia-o com flutuações evidenciadas no que se veio a designar como “polimorfismo”. Falar vem antes de escrever: é assim com a aprendizagem linguística de cada falante (aquele que fala, porque usa a língua, mas também pode saber escrever), desde a infância. O mesmo acontece com as línguas, que são faladas antes de terem escrita.

Isso também sucedeu com a população da região de Miranda do Douro, por se ter habituado a falar, desde, segundo consta, a Idade Média, de um modo muito específico e bastante diverso do de outras populações portuguesas. A proximidade com o Reino de Leão contribuiu para acentuar esta singularidade linguística que teve de esperar pelo século XX para ser oficialmente reconhecida como a segunda língua oficial de Portugal, ganhando pendor escrito que não teve quando se formou. Observar a génese da escrita, marcadamente fonética, do Mirandês para quem se acostumou a olhar para a variedade madeirense, ouvindo-a diariamente, é motivo de reflexão.

Poderá esta variedade regional ganhar uma escrita como a da língua de Miranda do Douro? Até que ponto terão semelhanças a nível gráfico estas duas manifestações linguísticas em espaços geográficos tão afastados um do outro? Ao procurarem dar uma escrita ao modo de falar das populações, podem os escritores destas regiões trazer informação pertinente para compreender estas duas manifestações linguísticas portuguesas? Propõe-se, aqui, comparar algumas particularidades das escritas de ambas para compreender a génese da escrita fonética.

Cláudia Martins

(Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança)

Sérgio Ferreira

(Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Capital tradutológico e a defesa da língua mirandesa

Palavras-chave: línguas minoritárias; política linguística; mirandês; tradução de literatura canónica; tradução para línguas minoritárias; Amadeu Ferreira.

As línguas minoritárias enfrentam barreiras internas e externas que impedem o seu desenvolvimento, devido à sua natureza de línguas e culturas não dominantes e à sua fraca representação (e representatividade) na política e na sociedade. A tradução de literatura canónica da cultura ou religião dominantes para a língua minoritária é de importância fulcral para a afirmação destas línguas, assim como o acesso aos mais diversos meios de comunicação. A Catalunha surge como um exemplo de forte investimento na função destes meios e na utilização do catalão na rádio, televisão, teatro e cinema, a par da tradução que ocorre nestes meios (i.e. legendagem, dobragem e audiodescrição). Para além disso, não se deve negligenciar o peso da ciberesfera, que possibilita às línguas minoritárias entrarem no mundo virtual, por meio de blogs, páginas da Wikipedia, redes sociais e afins.

O mirandês foi somente reconhecido em 1999 como uma das línguas oficiais de Portugal, a par do português e da Língua Gestual Portuguesa, aproximadamente 100 anos depois de ser “descoberto” por Leite de Vasconcellos, o filólogo português que relacionou o mirandês com a sua origem asturo-leonesa. Foi somente depois desta data que o enquadramento legal para o mirandês e a sua normalização linguística foram estabelecidos, nomeadamente por meio do acordo ortográfico, que consolidou o ensino da língua. Quinze anos depois, em 2014, a Associação de Língua e Cultura Mirandesas foi criada, com o propósito de fomentar a investigação e o ensino da língua, assim como recolher e preservar o património imaterial, no qual a tradução não está diretamente implicada. Desta forma, na nossa perspetiva, ainda se vislumbra a necessidade de introduzir uma forte política linguística, dentro da qual um Departamento de Tradução possa estar inserido, com vista à revitalização da língua e à consolidação da sua literatura. Neste sentido, identifica-se também a ausência de um corpo de tradutores profissionais que sejam simultaneamente proficientes em português e em mirandês, uma vez que o ensino do mirandês se restringe grandemente a Miranda do Douro e como disciplina optativa. No entanto, a tradução de português e outras línguas estrangeiras para mirandês é desenvolvida por uma elite intelectual que investe nesta atividade aliada, por vezes, à produção também em mirandês. Este é o caso de Amadeu Ferreira, um académico de destaque que deixou de estar entre nós em março de 2015 e foi responsável por um número substancial de

obras. O seu percurso é de particular relevância não só porque o mirandês acusava a ausência de literatura canónica traduzida, na linha do que existe em português, mas também de literatura ficcional, sem deixar de referir obras de referência em termos lexicográficos e gramaticais. No âmbito das suas obras, são de referir a tradução para mirandês dos “Quatro Evangelhos”, “Lusíadas” de Luís Vaz de Camões e “A Mensagem” de Fernando Pessoa, obras de Horácio, Virgílio e Catulo e aventuras de Astérix. A par da tradução, escreveu igualmente ficção sob os pseudónimos Francisco Niebro, Marcus Miranda e Fonso Roixo, que possibilitaram a expansão do património literário em mirandês. Colaborou ainda com jornais regionais, como o “Mensageiro de Bragança” e o “Diário de Trás-os-Montes”, o jornal diário de tiragem nacional “Público” e a estação de rádio “MirandumFM”. O mundo digital não pode ser negligenciado, onde escreveu cerca de 3 000 textos nos blogs “*Fuontes de l Aire*”, “*Cumo Quien Bai de Camino*” e “*Froles Mirandesas*”.

O nosso projeto direciona-se para a recolha de informação relativa a todas as obras traduzidas para mirandês, destacando as línguas das quais foram traduzidas, os tradutores que as realizaram e os seus perfis. Este exercício permitir-nos-á refletir criticamente sobre as obras que foram eleitas para tradução, as razões que possivelmente ditaram esta escolha e o impacto que estas produziram nesta comunidade linguística com aproximadamente 10 000 falantes. Todo este esforço de tradução e produção literária tem adiado o desaparecimento do mirandês, que tantos previam que já se tivesse verificado, mas será o mirandês capaz de sobreviver no século XXI?

Livro de poesia

Apresentação e lançamento do livro de poesia *Bózios, Retombos i Silêncios - Gritos, Ecos e Silêncios*, da escritora Adelaide Monteiro, por Alcides Meirinhos (Associação de la Lhngua i Cultura Mirandesa, ALCM)

"Sem deixar de ser uma mirandesa de gema, Adelaide Monteiro é a mais universal das poetisas mirandesas, sendo que, aqui, universal significa "de todo o mundo", mas também o universal de Torga, o lugar sem paredes, nem de pedra (as únicas paredes de pedra da poesia de Adelaide serão as dos "cerrados" do Planalto) nem paredes mentais, que lhe abafem a voz com falsas moralidades". Alfredo Cameirão (prefácio do livro)

Alcides Meirinhos

(Associaçon de la Lhéngua i Cultura Mirandesa)

Ls caminos mediebales na Tierra de Miranda

Palabras-chabe: Caminos; Ancruzelhadas; Carril Mourisco; Paredes; Cerrados; Cruces; Freznos; Homes.

Cumo tantas bezes Fracisco Niebro dixo, “la única cousa que na berdade tenemos de nuosso, son ls caminos.”

Anton, falar de la Tierra de Miranda sien falar de ls sous caminos, de ls nuossos caminos, ye quedar de saber maniego, tal ye la amportância que siempre las pessonas le dórun. Hai “l die de ir a caminos”, l “Camino de las Binhas”, l “Camino de la Feira”, l “Camino de ls Contrabandistas”, l “Camino de l Monte”, l “Camino Mourisco”, l “Camino de Santiago”, l camino de cada un i até espresones cumo: “yá ten ls filhos ancaminados”.

Al falar de caminos tamien tenemos que falar de las paredes que ls acumpánhan, essa obra maior de l Praino, que cun pacéncia, arte i esmero fúrun demarcando las purmeiras propiedades: ls cerrados.

Falar de Miranda i nun falar de cerrados ye deixar de lhado la arte criar sien ancarramelar piedras, la pacéncia de achar la melhor para aquel fincon ou tejeira, la fuorça para las tirar de storbeiro i permetir que la melhor yerba crecira, la arte de resgatar más un palmo de tierra a las duras bidas que seimpre l Praino agarimou.

Arrimado a eilhas, ls freznos que todo dan: alimento de ls animales an tiempo de sequidon; de las galhas robidas, la lheinha que há-de cozinhar i calcer; l timon i la rabela de l arado; ls madeiros de l rodado de l carro las bacas; ls talhos que salírun de ls oulhales; ls rachones de la matância; jugos de trilhas. Tantos mundos por esses caminos a arrodia termos i ajuntar pessonas.

l cumo nun hai caminos sien ancruzelhadas, tamien porqui hai sítios medruncos, cuontas de mouras ancantadas, “trasgos i facanitos¹”, cruces, cruzeiros, totems, passaiges dun mundo que inda ye nuosso: Caminos!

¹ Fracisco Niebro – La Bouba de la Tenerie, pág 17

Luís Fernando Pinto Salema

(CLLC, Universidade de Aveiro)

Polimorfismo, desterritorialização e contacto entre línguas: o judeu-espanhol no espaço ecolinguístico da península balcânica

Palavras-chave: diáspora, ecolinguística, judeu-espanhol, línguas em contacto, línguas minoritárias.

O ecossistema específico das línguas judaicas tem sido objeto de múltiplas reflexões, centradas na natureza compósita dessas línguas, emergentes de contextos caracterizados pela diversidade linguística e cultural. Um exemplo dessas línguas é o judeu-espanhol, termo privilegiado pela comunidade académica, mas que continua a não reunir consenso.

Apesar de ser uma língua de base essencialmente românica, o judeu-espanhol apresenta, igualmente, elementos hebraicos e aramaicos. Contudo, após a expulsão dos judeus da Península Ibérica, em 1492 e ao longo do século XVI, essa língua passa por um processo de contacto com outros idiomas falados na região dos Balcãs, como o turco, o grego e as línguas eslavas das populações autóctones.

Neste estudo, apresentam-se as principais características do judeu-espanhol, identificando algumas das línguas que o influenciaram e alguns contextos que potenciaram o contacto entre línguas. Tendo como referencial teórico princípios da ecolinguística, problematiza-se a forma como o espaço geográfico e o ambiente sociocultural em que o judeu-espanhol se falou favoreceram a criação de uma língua de fusão, resultante de sucessivos fluxos migratórios. Ao enunciar os princípios teóricos da ecologia da linguagem, na década de 70 do século XX, Einar Haugen centra o seu olhar nas inter-relações sociais das comunidades multilingues, construindo uma metáfora que se revela altamente produtiva, no contexto da abordagem linguística, uma vez que as línguas são «espécies» vivas.

O contacto constante entre essas línguas, na região dos Balcãs, contribuiu para a variação linguística característica do judeu-espanhol, originando parâmetros fonéticos, fonológicos, morfológicos e lexicais distintos do espanhol ibérico. Essas diferenças registam-se, também, entre as várias comunidades sefarditas da Península Balcânica.

Neste artigo, apresentam-se alguns exemplos dessas influências, nomeadamente ao nível do sistema vocálico, da pronúncia das sibilantes, dos empréstimos lexicais e dos decalques, referindo-se, igualmente, os fatores externos à língua que potenciaram a integração destas influências.

Na região dos Balcãs, a origem geográfica dos sefarditas nem sempre se refletiu no desenvolvimento das diferentes variedades, sendo estas um

produto de um *continuum* interdialetoal. Nesta paisagem linguística, rica e diversificada, o judeu-espanhol vai receber influências de línguas muito diversas, o que implica uma abordagem da língua como uma unidade em contexto.

Assim, uma análise da influência das línguas de contacto indicia que as características diferenciadoras das múltiplas variedades do judeu-espanhol dependem, fundamentalmente, das relações estabelecidas nas diferentes zonas geográficas e das línguas que as suportaram.

Apesar desta diversidade, o judeu-espanhol não perdeu a sua feição românica e assumiu-se como um importante fator de identidade das comunidades sefarditas, no espaço multicultural e multilinguístico da Península Balcânica.

Maria Helena Ançã

(Universidade de Aveiro)

Alguns cabo-verdianos em Portugal: relações entre as Línguas Cabo-verdiana e Portuguesa

Palavras-chave: Diversidade Linguística; Relações entre as línguas; Funções das Línguas; Língua Cabo-verdiana; Cabo-verdianos em Portugal; Língua Portuguesa.

A sociedade portuguesa tornou-se uma sociedade multicultural, na qual várias línguas convivem com a Língua Portuguesa (LP). Esta situação evidenciou-se a partir de 1974 e foi-se consolidando na confluência de outros fatores políticos e internacionais (entrada na CEE/UE, queda do muro de Berlim e desmembramento do bloco soviético, etc).

Não focalizando as línguas ‘endógenas’ do território português, como o Mirandês que tardiamente (em 1999) viu reconhecido o seu estatuto de língua oficial minoritária, ou o Romani-Caló, que continua a não ser ‘visível’ em termos sociais ou políticos (e como consequência, vai perdendo falantes), há a considerar, por um lado, um grupo de línguas que se foi afirmando nos últimos quinze anos (como o grupo das línguas eslavas orientais) e, por outro, um grupo, desde há muito presente, – mesmo antes do 25 de abril –, que acrescentou ao mosaico linguístico em Portugal maior diversidade, como o das línguas crioulas. De entre estas é de destacar a Língua Cabo-Verdiana (LCV) e os seus falantes.

Muitos cidadãos cabo-verdianos, ainda com nacionalidade portuguesa (só em 1975 se deu a independência do território), escolheram Portugal, ou para prosseguir estudos superiores (veja-se o caso específico da Casa dos Estudantes do Império onde encontramos Amílcar Cabral) ou para trabalhar, apoiados pelo governo português, nos anos sessenta, por exemplo. O trabalho destes compensava a falta de mão de obra causada pela saída de portugueses para a emigração ou para a guerra colonial em África.

Contudo, a presença de cabo-verdianos, não sendo, por conseguinte, nova, tornou-se mais notória a partir do final século passado, na sequência de vários fluxos migratórios de Cabo Verde para Portugal. A comunidade cabo-verdiana é hoje em dia uma das comunidades estrangeiras mais numerosos, a par da brasileira e da ucraniana. Assim, a LCV continua com uma enorme vitalidade na sociedade e nos espaços ‘privados’ da Escola, embora sejam raros os projetos que têm apostado na educação bilingue ou no ensino da LCV...

Este texto vem retomar parte dos resultados de um projeto FCT que teve como objeto a comunidade cabo-verdiana residente em Portugal. Utilizámos um questionário escrito junto de 75 cabo-verdianos, passado presencialmente, cujas informações foram complementadas posteriormente por entrevistas a

quatro destes sujeitos. O tratamento dos dados foi feito com recurso aos programas informáticos SPSS, para as respostas fechadas, e NUDIST, para as respostas em aberto.

Neste âmbito, é objetivo deste texto analisar o perfil sociolinguístico dos participantes cabo-verdianos do estudo, tendo em conta as funções sociais que as línguas ocupam no seu quotidiano, assim como as funções emotivas (oníricas e espontâneas) das línguas em questão. Destacam-se a este nível, mas com incidências distintas, a LP e a LCV, sendo esta última o lugar da afirmação, da identidade, do jogo e da memória. O Português é um 'espaço em conquista permanente', tanto pelas competências linguísticas a desenvolver (relembremos que a LP não é a língua materna dos sujeitos-alvo), como também pelos benefícios socioprofissionais que a LP vem acrescentar (abertura ao mercado de trabalho em Portugal, Cabo Verde e, eventualmente, noutros países da CPLP).

Alberto Gómez Bautista

(Fundação Calouste Gulbenkian / CLLC, Universidade de Aveiro)

Línguas e variedades fronteiriças de Portugal

Palavras-chave: línguas em contato; fronteira luso-espanhola; galego; português; espanhol; asturo-leonês; sociolinguística

A presente comunicação tem por objetivo principal descrever, do ponto de vista sociolinguístico, a fronteira luso-espanhola. Recorreremos à história, à linguística e a outras disciplinas para explicar o porquê dos fenómenos linguísticos que se localizam nas regiões fronteiriças.

Faz-se uma revisão dos estudos mais relevantes sobre esta matéria. É revista a bibliografia no âmbito da história, da dialetologia e da sociolinguística. Atualizando o estado da arte, apresentam-se alguns dados obtidos ao longo das nossas viagens de pesquisa por algumas das localidades raianas para tentar completar e acrescentar algumas informações sobre a vasta área objeto deste estudo, tentando assim apresentar uma visão geral mas rigorosa e completa da situação sociolinguística limítrofe e dos factos principais que originaram este panorama.

Inicia-se o percurso na controversa fronteira, do ponto de vista linguístico, entre a Galiza e o Norte de Portugal. Continua-se o caminho através das linhas que separam Portugal de Castela e Leão e que deixaram numerosos enclaves linguísticos de ambos os lados da “raia”, no português, Rio de Onor, Guadramil, Deilão, Petisqueira e a Terra de Miranda, testemunham a importância que o asturo-leonês teve no oriente trasmontano; no lado espanhol veremos os enclaves galego-portugueses de Hermesinde, Alamedilha, Cedilho, Eljas, San Martín de Trevejo, Valverde del Fresno e Olivença. Este estudo debruça-se também sobre o barranquenho e as consequências linguísticas que os constantes movimentos migratórios (mais intensos em épocas de perseguição e guerra) foram deixando no português e no espanhol falado nas áreas contíguas à fronteira. Conclui-se esta viagem entre isoglossas e “raias” político-administrativas na região do Algarve.

Francelino Wilson^{1, 2,}

Vasco Magona³

¹Mestrando em Linguística na Faculdade de Letras, Universidade do Porto

²Departamento de Ciências de Linguagem Comunicação e Artes, Universidade Pedagógica

³Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane

*Uma análise autosegmental de /s/ em raízes verbais
do Ciyaawo contemporâneo*

Palavras-chave: Ciyaawo. Raiz verbal. Fonologia autosegmental. Rótico. Soantização. Variação alofônica.

Ciyaawo é uma língua bantu falada na África Austral (Moçambique, Malawi, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe), com o código P21 [1]. Em Moçambique, onde é falada por 341.796 pessoas [2], possui uma escrita padronizada e é ensinada nas escolas, mercê das novas políticas linguísticas. O seu prestígio deve-se, em parte, aos estudos desenvolvidos por linguistas visando a sua gramaticalização [1-6]. Porém, a fixação de uma ortografia e outras normas linguísticas é algo ainda em aberto, estando a merecer várias discussões [3, 4]. Neste trabalho, procuramos: (i) discutir a realização fonética do segmento /s/ em posição de ataque de raízes verbais. A ortografia padrão, baseada nos princípios de precisão e economia [5, 6], legitimou apenas a fricativa alveolar surda e ignorou as possíveis dispersões deste fonema; (ii) descobrir e descrever pistas dialetais do Ciyaawo, apesar das reivindicações da sua inexistência [2, 4]. Escolhemos o quadro autosegmental [7, 8], por hierarquizar as propriedades dos sons e demonstrar, a partir de linhas de associação, a assimilação de propriedades sonoras por parte dos segmentos. Participaram do estudo seis informantes (3 homens e 3 mulheres), residentes na cidade de Lichinga, repartidos em dois grupos, sendo *i.* sujeitos adultos e *ii.* sujeitos jovens, falantes nativos de Ciyaawo. Este trabalho de campo, embora preliminar, parece remeter-nos para uma dispersão articulatória, onde: *i.* a fricativa alveolar surda [s] e *ii.* o rótico alveolar [r] coocorrem em ataque de raízes de certos verbos (e. g., *ku-[s]uum-isy-a* > *ku-[r]uum-isy-a* ‘vender’; *ku-[s]um-a* > *ku-[r]um-a* ‘comprar’). Deste modo, assiste-se a emergência de um rótico soante (/s/ [-soan, -son] → [r] [+soan, +son]) no Ciyaawo, contrariamente ao que se diz da existência desse som apenas em ideofones [3, 4]. Estaremos perante variações alofônicas? Há regularidade? Esse processo de soantização é inverso ao atestado no Português, designado por *desonorantization* [9, 10], no qual um rótico evolui à fricativa (i.e., /R/ → [-soan, +cont]). No modelo geométrico [11], a representação do arquifonema /S/ [+cons, ±soan] mostra linhas de associação pontilhadas que representam a flutuação dos respetivos

nós terminais na origem da variação em estudo, em parte devido à projeção dos valores do traço [soan] do nó de RAIZ. Os resultados até então alcançados e as dúvidas levantadas legitimam a pertinência da realização de um trabalho mais alargado de recolha dialetal nas comunidades falantes da língua Yaawo e um tratamento mais pormenorizado.

Referências

- [1] Guthrie, M. (1970). *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages — vol. 3*. London: Gregg International.
- [2] Ngunga, A. & Faquir, O. G. (2012). *Relatório de Ortografia das Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/UEM.
- [3] Kishindo, P. J. (1998/2012). On the Standardization of Citumbuka and Ciyao Orthographies: some observations. *South African Journal of African Languages*, 18: 4, pp. 85-91.
- [4] Ngunga, A. (2012). Padronização da escrita de línguas moçambicanas: Desafios e Pragmatismos. In A. Ngunga & O. G. Faquir. *Relatório de Ortografia das Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/UEM.
- [5] Ngunga, A. (2000). *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. California: CSLI Publications.
- [6] Mtenje, A. (2002). An Optimality Theoretic Account of Ciyao Verbal Reduplication.
- [7] Goldsmith, J. 1985. Os Objectivos da Fonologia Autossegmental. In: M. H. M. Mateus & A. Vilalva (Eds.). *Novas Perspectivas Em Fonologia*. 1ª ed. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 295-337.
- [8] Goldsmith, J. A. 1990. *Autossegmental and Metrical Phonology*. Cambridge, MA: Basil Blackwell.
- [9] Renniecke, I. & Martins, P. T. 2013. As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 509-523.
- [10] Veloso, J. 2015. The English R Coming! The Never Ending Story of Portuguese Rhoutics. *Oslo Stud Lang*, 7(1): 323-336.
- [11] Clements, G. N. e Hume, E. V. (1995). The internal organization of speech sounds. In J. A. Goldsmith (Ed.), *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: Blackwell, pp. 245-306.

Xosé-Henrique Costas González

(Universidade de Vigo, Galiza)

A protección do aranés: un exemplo para as minorías lingüísticas ibéricas

Palabras-chave: aranés, lexislación lingüística, minorías lingüísticas, linguas ibéricas, sociolingüística.

O Val de Arán é unha comarca situada no extremo noroccidental do Pireneo catalán. A lingua autóctona deste val é o aranés, unha variedade gascona da lingua occitana. Nos últimos 40 anos a mellora das comunicacións, as intensas migracións a este val e a mudanza dunha economía primaria de montaña a unha economía case exclusivamente turística, provocaron que o aranés pasase de ser a lingua habitual dun 60% dos seus habitantes a escasamente un 20%, en menos de 40 anos.

Para protexer esta variedade, o goberno catalán promulgou a *Lei 35/2010 do occitano, aranés no val de Arán*, que impulsa medidas sobre usos institucionais, públicos, xurídicos, toponímicos, educativos, comunicativos, socioeconómicos etc., de maneira que hoxe o aranés é a terceira lingua oficial de toda Cataluña e lingua propia e de uso preferente no Val de Arán [esta lei aínda está pendente do recurso que presentou o goberno de Madrid perante o Tribunal Constitucional español, pois o aranés, unha variedade occitana falada por 2.000 persoas en España, parece ser un serio perigo para a supervivencia do español].

A situación do aranés é moi delicada, pero sen estas medidas educativas, administrativas, mediáticas, culturais etc., sería dramática, irreversible, non tería ningunha posibilidade de supervivencia. Terán algunha oportunidade as outras minorías ibéricas (galego de Asturias, León e Zamora; asturleonés de Asturias, León e Miranda ou mirandés; portugués de Olivença e Alcântara; galego-portugués do Ellas ou Xálima; aragonés; catalán de Aragón e Murcia etc.), sen unha lexislación lingüística semellante a esta? É difícil responder a esta cuestión porque as situacións de partida e as lexislacións rexionais son moi diversas, pero en xeral podemos afirmar que ou se aplican medidas urxentes de revitalización lingüística ou estas variedades e linguas non sobrevivirán ao século XXI como linguas de vida.

A nosa idea será a de facer unha esquemática comparación das diferentes situacións sociolingüísticas e lexislativas dos diferentes territorios lingüísticos minorizados ibéricos e reivindicar, por riba das lexislacións estatais ou rexionais, un instrumento lexislativo europeo infrautilizado polos falantes ou propositadamente ignorado polas autoridades: a Carta Europea das Linguas Rexionais e Minoritarias, pois por menos da protección contida na Parte II deste tratado internacional ningunha lingua poderá ter vitalidade na súa sociedade.

José Pedro Ferreira

(CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra)

Processos de codificação e normalização linguística em línguas recentemente escritas: o caso do mirandês

A criação de recursos de intenção puramente descritiva é não raro, mesmo que sem intencionalidade, o primeiro ato de política linguística sobre um idioma. Os processos de documentação de línguas historicamente ágrafas, quando conduzem a iniciativas de codificação, muitas vezes obedecendo a critérios de seleção de *corpus* arbitrários, podem ser determinantes para o prestígio de uma variedade sobre outras e, conseqüentemente, para o sucesso ou insucesso de um processo de normalização junto de uma dada comunidade linguística.

Desde o final do século XIX identificado como tendo especificidades bastantes para ser tomado como língua de pleno direito no quadro linguístico ibero-românico, só cerca de cem anos depois, na viragem para o século XXI, se deu o reconhecimento oficial do mirandês como língua, apesar das grandes limitações impostas desde logo ao seu ensino. Concorrentemente, um grupo de linguistas e de especialistas locais tinha criado uma primeira proposta consensuada para a escrita do mirandês. Estes eventos tiveram forte impacto sociolinguístico: legitimaram o uso alargado em âmbito do mirandês, a língua menos prestigiada da comunidade diglóssica em que é falada, e potenciaram o aparecimento imediato de uma vaga de escritores e de edições naquela língua.

Estas ações de planeamento linguístico determinaram em boa medida o futuro próximo da língua: o sistema de escrita afasta-a da tradição das variedades mais aparentadas; as limitações impostas ao ensino determinam uma quase hegemonia do português; as variedades escolhidas para codificação na seleção de corpus levaram a fortes dissensões na comunidade falante. Num momento em que parecem estar perto de ser concluídos e lançados vários instrumentos de pendor normalizador, importa refletir sobre todo o processo de codificação e normalização linguística do mirandês.

Esta apresentação centrar-se-á no processo de normalização e de criação de recursos normalizadores para o mirandês. Contextualizará as ações de política linguística voltadas para a codificação no âmbito mais alargado dos processos de standardização, seguindo as conclusões de Langenberg (2006) e atentando no paralelo que obras como a de Alder (2002) permitem estabelecer com processos como o da metricalização. Serão discutidas as escolhas tomadas na *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* e avaliado o processo que conduziu à sua *Primeira Adenda*. Por último, serão avaliadas iniciativas de documentação e de criação de recursos atuais, quer para o mirandês, quer para outras línguas em situação sociolinguística semelhante.

Referências

Langenberg, Tobias (2006). *Standardization and Expectations*. Berlin / Heidelberg: Springer.
Ken Alder (2002). *The Measure of all Things*. New York: The Free Press.

Resumos
Jornadas em Miranda do Douro

Alberto Gómez Bautista

(Fundação Calouste Gulbenkian / CLLC, Universidade de Aveiro)

Lurdes de Castro Moutinho

(CLLC, Universidade de Aveiro)

A fronteira luso-espanhola do ponto de vista linguístico: Trás-os-Montes

Palavras-chave: línguas em contato; fronteira luso-espanhola; galego; português; espanhol; leonês; sociolinguística.

A presente comunicação tem por objetivo descrever, do ponto de vista sociolinguístico, a fronteira luso-espanhola na região de Trás-os-Montes. Recorreremos à história, à linguística e a outras disciplinas para explicar o porquê dos fenómenos linguísticos que se localizam na referida região fronteiriça.

Faz-se uma revisão dos estudos mais relevantes sobre esta matéria. É revista a bibliografia no âmbito da história, da dialetologia e da sociolinguística. Atualizando o estado da arte, apresentam-se alguns dados obtidos ao longo das nossas viagens de pesquisa por algumas das localidades raianas de Trás-os-Montes para tentar completar e acrescentar algumas informações sobre a área objeto deste estudo, tentando assim apresentar uma visão geral mas rigorosa e completa da situação sociolinguística limítrofe e dos factos principais que originaram este panorama.

Inicia-se o percurso na fronteira entre a Galiza e o Norte de Trás-os-Montes. Continua-se o caminho através das linhas que separam o Nordeste Trasmontano de Castela e Leão (Samora e Salamanca) e que deixaram numerosos enclaves linguísticos de ambos os lados da “raia”, no português, Rio de Onor, Guadramil, Deilão, Petisqueira e a Terra de Miranda, testemunham a importância que o asturo-leonês teve no oriente trasmontano; no lado espanhol veremos os enclaves galego-portugueses de Calabor e Hermesinde. Este estudo debruça-se também sobre as consequências linguísticas que os constantes movimentos migratórios (mais intensos em épocas de perseguição e guerra) foram deixando no português, no mirandês e no espanhol falado nas áreas contíguas à fronteira.

José Pedro Ferreira

(Associaçon de la Lhéngua i Cultura Mirandesa/ CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra)

Tecnologías de la lhenguaige pa l mirandés

L mirandés ben sendo documentado zde hai agora mais de cien anhos. De un manantial de registros purmeiro passados de l'ouralidade pa fuolhicas de papel i apuis amanolhados i eitados an lhargas obras, cumo las de Leite de Vasconcelos, passemos hai pouco tiempo, cula generalizaçon de ls cumputadores i de l'Anترنت, a la producion degital i an massa de decumientos an mirandés pula mano de quienquiera. Hoije, l modo mais fácele de tener acceso al mirandés será pulas redes sociales, adonde acerta yá se publicará mais testo an mirandés que an papel.

Nas últimas décadas, l'esistença de testo an formato degital trouxo-mos la purparacion de nuobos recursos i ferramentas pa las mais de las lhéguas mais faladas de l mundo. Quaijeque nun screbimos sien corretores ourtográficos; ls dicionairos degitales i an lhinha fázen las dúnias de las madornales eidiciones lexicográficas antigas an papel; aquestumemos-mos a tener tradutores que na hora mos dán an pertués, spanhol ou eitaliano l que poucos anhos hai solo podiemos coincer an francés ou anglés; falamos-le nessas lhéguas als nuossos telemobles i asperamos que anténdan l que treminemos que fágan; la çcriçon de las lhéguas faç-se mais por prolixas cuncordâncias eiletrónicas que por bias de l'eisegese de eisemplos únicos catados eiqui i acolhá an obras salidas de l punho de scritores afamados pa l cánone.

Neste antretiepo, las lhéguas cun menos falantes nun tubírun, las mais deilhas, ls mesmos zambolbimientos; seran mercados mais pequeinhos, repersentaran menos gente (muitas deilhas nien sequiera a ua antidade política), teneran pouco antresse estratégico. Afuora esso, cumo le passaba al mirandés até l bolber de l milénio, muitas nun ténen ou nun tenien scrita cierta que ajudara a amanolhar l testo bastante para poder zambolber recursos lhenguísticos degitales.

La falta destes recursos i ferramentas ye al mesmo tiempo cunsequência i seinha de la muerte de ua lhéngua: se la diglossie de quemunidades multilingues cumo la que fala mirandés se manten anquanto haba cuntestos que sírban a cada ua de las lhéguas, anton a cada cuntesto an que l mirandés nun caba haberá menos gana de l falar ou screbir. Ne ls últimos anhos, cula publicaçon i aceitaçon de laCumbençon Ourtográfica de la Lhéngua Mirandesa i cula democratizaçon de ls meios de publicaçon, fui dua

beç palhantre la producion de muito testo an formato degital an mirandés. Afuora esso, hai agora un mobimiento anternacional de criaçon de ferramentas para lhéguas menos documentadas, que pon al çponer de ls sous falantes i studiosos processos que facilítan estes trabalhos.

Este cuntesto dá-mos finalmente campo para zambolber ferramentas i recursos degitales modernos, que déixen, a quien querga, screbir an mirandés an cuntextos an que hoije ye mais deficultoso que noutras lhéguas. Nesta apersentaçon, falarei de ls recursos de la lhenguaige que fúrun, stan a ser, seran i puoden inda ser zambolbidos pa l mirandés i pa que sírben, seia pa l mirandés ou para outras lhéguas, cumo tal dicionairos, corretores, silabificadores, flexionadores i motores de síntese i reconhecimiento de fala. Amostrarei cumo esses recursos puoden ser tulhas de documentacion lhenguística, frauga de outras aplicaçones prestables, i ferramentas de denificacion i paridade.

Apoios

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **dlc** universidade de aveiro
departamento de línguas e culturas



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis